

# HEGEL V10

## UMA ESTREIA AUSPICIOSA



### João Zeferino

**A** Hegel foi fundada no final da década de 80 do século passado, portanto já em plena era digital. Apesar de ter um portefólio diversificado, que inclui amplificadores integrados e de potência, prévios, conversores digital/analógico e leitores de CD, até à data nenhum amante do vinilo podia ligar o seu gira-discos directamente a um equipamento Hegel, e a razão é que a Hegel não dispunha do módulo ou prévio de *phono* necessários à descodificação da norma RIAA (Recording Industry Association of America) que estabeleceu o *standard* para a gravação e reprodução dos discos de vinilo.

Com o crescente interesse dos audiófilos em soluções de sistemas de áudio

baseados em gira-discos, começou a assistir-se a uma certa pressão por entre os clientes de componentes Hegel e entre os distribuidores da marca que fizeram chegar aos ouvidos dos seus responsáveis aquilo que o mercado lhes solicitava. Dizem as más línguas que, embora relutantes ao início, os projectistas da Hegel acederam a projectar o primeiro prévio de *phono* da história da Hegel – e já que o iam fazer então que fosse feito a partir do zero e nele fosse aplicado todo o conhecimento que a marca angariara ao longo das suas três décadas de existência.

### Descrição

Nasceu assim o V10, um prévio de *phono* capaz de aceitar células MM e MC, dotado de grande versatilidade, com múlti-

plas opções de entradas e saídas, ajustes diversos de valores de ganho e de impedância de carga.

O V10 apresenta-se numa caixa de dimensões reduzidas, sendo o chassis dividido em dois compartimentos, separando fisicamente as fontes de alimentação dos sensíveis circuitos de amplificação. De modo a assegurar o menor nível de ruído possível e para eliminar todas as possibilidades de interferência, o V10 possui uma fonte de alimentação fisicamente independente do chassis principal, e que é uma fonte linear, analógica, de muito baixo ruído e baseada num grande transformador E-Core de *design* personalizado.

O V10 está equipado com terminais banhados a ouro, saídas XLR balanceadas e um parafuso de terra personalizado. O





estágio de entrada, utiliza transístores JFET discretos de ruído ultrabaixo tanto para as entradas Moving Magnet (MM) como Moving Coil (MC). Por forma a eliminar o ruído externo ao utilizarem-se células MC de nível de saída muito baixo, a Hegel equipou a entrada MC com quatro desses transístores JFET conectados em paralelo, tornando a entrada completamente silenciosa e interrompendo qualquer *feedback* de corrente de polarização que pudesse atingir a bobina da célula.

Se o painel frontal conta apenas com o interruptor de ligação ao centro e um LED avisador, já a traseira apresenta uma disposição simétrica onde pontuam as saídas balanceadas XLR nos extremos, duas RCA para a saída *single-ended*, duas entradas via fichas RCA independentes para células do tipo MM e MC e, ao centro, a ligação de massa. Estão ainda disponíveis dois conjuntos de dez *dip-switches* para efectuar os ajustes do ganho, activar ou não o filtro subsónico (-3 dB @ 20 Hz), definir a impedância de carga entre os 33 e os 550 Ohm ou para o valor fixo de 47 kOhm. A capacitância (MM) pode ser ajustada entre 100 e 457 pF.

### Audições

O prévio Hegel V10 foi ligado ao gira-discos Project Xtension 10 Evolution, equipado com uma célula de leitura Hana ML (MC). Os restantes componentes do sistema foram os residentes amplificador Gryphon Diablo 300 e as colunas Bowers & Wilkins 802D3 com cablagem Kimber Select KS-1121 na interligação e KS-3033 nas colunas.

Uma das características do V10 que de imediato captou a minha atenção prende-se com o patamar de ruído, que é tão baixo que mal se dá pelo ruído próprio de

### Discos utilizados nas audições:

Compositor / Obra	Intérpretes	Editora
G. F. Handel <i>O Messias</i>	Arleen Auger, Anne Sofie von Otter, Michael Chance, Howard Crook, John Tomlinson The English Concert & Choir Trevor Pinnok	ARCHIV PRODUKTION
B. Smetana <i>Má Vlast</i>	Orquestra Sinfónica da Radiodifusão da Baviera Rafael Kubelik	ORFEU
Carl Orff <i>Carmina Burana</i>	Coro e Orquestra Philharmonia Riccardo Muti	EMI
Pink Floyd <i>Dark Side of the Moon</i>	Pink Floyd	EMI
<i>Ella Swings Brightly with Nelson</i>	- Ella Fitzgerald - Nelson Riddle	WAXTIME
Keith Jarrett <i>The Köln Concert</i>	Keith Jarrett	ECM RECORDS
Benny Goodman Sextet - <i>Lulaby of the Leaves</i> - <i>I'll Never Be the Same</i> - <i>Farewall Blues</i>	Benny Goodman Sextet	CBS
Frank Sinatra <i>Swinging Session</i>	Frank Sinatra	JAZZ WAX RECORDS
The Eagles <i>Hotel California</i>	The Eagles	ASYLUM RECORDS
Mike Oldfield <i>QE2</i>	Mike Oldfield	VIRGIN RECORDS

funcionamento. Quando se lida com um ganho de 60 ou mais decibéis de amplificação é inevitável que o próprio ruído de funcionamento dos circuitos surja de forma mais ou menos óbvia nos *tweeters*. No caso do V10 e atendendo ao nível de saída da Hana ML ser 0,4 mV, optei por um ganho de 65 dB, já que tenho por experiência ser um valor compatível com a célula e com o ganho extra proporcionado pe-

lo amplificador integrado a jusante. Nesta configuração o nível de ruído apenas era perceptível com o ouvido encostado ao *tweeter*, primando pela ausência à distância normal de escuta. Este notável resultado apenas tinha sido experimentado no meu sistema com os prévios de *phono* da Gryphon e da Tom Evans, qualquer deles de preço muito superior ao Hegel V10.

*Carmina Burana*, de Carl Orff, é uma



obra difícil para qualquer sistema de reprodução de música, seja ele analógico ou digital. Uma obra que requer recursos imensos, desde uma grande orquestra sinfônica, com um naipe muito completo de percussões, coro sinfónico e cantores solistas. A interpretação do LP que possuo esteve a cargo do coro e orquestra Philharmonia com Riccardo Mutti na direcção. O palco sonoro surgiu grandioso e capaz de nos transportar para a sala de concertos. Não apenas pela dinâmica fácil e ágil mas também pela sensação de presença física que o som analógico sempre consegue transmitir ao ouvinte, uma torrente transbordante de energia sonora que nos envolve e que nos embala ao fluir da música, em que o evento musical nos é apresentado com total credibilidade e sem apresentar quaisquer efeitos de agressividade ou asperezas passíveis de induzir algum tipo de cansaço no ouvinte, uma característica que se reconhece aos bons sistemas analógicos.

Passando a sonoridades mais leves e descontraídas, importa referir a excelente fidelidade tímbrica que emanou do clarinete de Benny Goodman, uma reprodução quase fantasmagórica, tal a sensação de presença do instrumento no meu espaço de audição. Uma cor tonal que nos permite identificar de imediato o instrumento,

mas dotado de um destaque tridimensional, com um recorte e um fino detalhe que lhe permite sobressair do seio do efectivo instrumental que o acompanha e nos proporciona uma rara sensação de verosimilhança com o evento musical real.

Ainda que muito natural na sua apresentação e de uma assinalável neutralidade tonal, não deixa de alardear uma elevada resolução, patente na notável quantidade de detalhe fino, de informações espaciais ou no som do próprio manuseio dos instrumentos que nos chega como se estivéssemos mesmo junto a eles, numa demonstração de transparência muito pouco comum a este nível de preços.

Com programas musicalmente mais ritmados como o álbum *QE2* de Mike Oldfield, ou com o clássico *Hotel California*, foi notória uma vez mais a energia que o prévio consegue transmitir nos registos graves, que soam sempre poderosos e intensos mas limpos e definidos, quase a desafiarem a capacidade de resposta da amplificação e colunas a jusante, acompanhada por uma gama média muito transparente, tonalmente neutra, mas sempre líquida e volumétrica e por um registo agudo muito equilibrado, nem muito frontal nem demasiado recuado, mas que antes parece responder sempre de forma

correcta ao que a música pede a cada instante. Nunca falha na transmissão da informação necessária, mas também nunca se exhibe de forma excessiva, o que contribui para a global naturalidade e correcção tímbrica da apresentação musical.

### Conclusão

Com este V10 a Hegel faz uma entrada em grande e muito auspiciosa no mundo da reprodução analógica de música. Por um preço que é uma muito agradável surpresa, oferece um prévio completo, de grande versatilidade e capaz de lidar com praticamente todas as células de leitura existentes no mercado. Não tenho pejo em afirmar que estou convencido que, mais cedo ou mais tarde, um V10 irá assentar praça no meu sistema residente, uma afirmação que resume o quanto o Hegel V10 me deixou bem impressionado. Os meus muito merecidos parabéns à equipa da Hegel pelo feito.

#### Prévio de *phono* Hegel V10

Preço: 1395 €

Representante: Ajasom

Telef.: 214 748 709

Web: [ajason.net](http://ajason.net)



#### Especificações técnicas:

Topologia:	Andar de entrada Ultra Low Noise Discrete JFET
Ganho de saída XLR MM:	40 dB / 45 dB / 50 dB / 52 dB
Ganho de saída XLR MC:	60 dB / 65 dB / 70 dB / 72 dB
Ganho de saída RCA MM:	34 dB / 39 dB / 44 dB / 46 dB
Ganho de saída RCA MC:	54 dB / 59 dB / 64 dB / 66 dB
Impedância de carga (MC):	Ajustável entre 33 e 550 Ohm / 47 kOhm
Capacitância:	100 pF / 147 pF / 220 pF / 247 pF / 320 pF / 420 pF / 467 pF @ 47 kOhm
Filtro subsónico:	On/off, -3 dB @ 20 Hz, -18 dB oitava
Precisão RIAA:	±0,2 dB / 20 Hz - 20 kHz
Ruído:	-84/81 dB - MM/MC («A» pond. ref: 0 dBV)
Impedância de saída:	200 Ohm (XLR / RCA)
Crosstalk:	-84 dB @ 1 kHz, 0 dBV
Resposta em frequência	2 Hz - 20 kHz
Distorção (THD) MM:	< 0,005% @ 1 kHz, 0 dBV
Distorção (THD) MC:	< 0,009% @ 1 kHz, 0 dBV
Entradas:	1 × RCA MM, 1 × RCA MC
Saídas:	1 × RCA, 1 × XLR
Fonte de alimentação:	Hegel Power Adapter M30103
Dimensões:	6×21×28 cm (A×L×C)
Peso:	2,2 kg
Preço:	1395 €
Representante:	Ajasom